

## ALTERIDADE DE ALTERIDADE EM SAMUEL RAWET

Bruno Loureiro Fernandes (UFMG)

Este é apenas o início de uma pesquisa. Portanto, é conveniente repetir neste preâmbulo um gesto de Rawet, citando as palavras iniciais de seu ensaio *Homossexualismo: sexualidade e valor* :

Era quase impossível escrever este trabalho. Não sabia como começa-lo; não sabia como terminá-lo. A massa de anotações me perturbava, o acúmulo de experiências me paralisava. O assunto é forte, convenhamos.  
(RAWET, 1970, p.07)

Samuel Rawet (1929-1984) nasceu em Klimotow, na Polônia. Sua trajetória como imigrante foi, portanto, do *shtetl*<sup>1</sup> | com fortes influências hassídicas<sup>2</sup> | até os subúrbios cariocas. Em uma entrevista, declarou-se fundamentalmente suburbano. Morreu, em circunstâncias não totalmente esclarecidas, em Sobradinho | uma cidade-satélite de Brasília, capital que ajudou a erguer. Engenheiro, entre cálculos de concreto armado para a equipe de Oscar Niemeyer, construiu também uma literatura muito peculiar e inovadora para sua época, utilizando-se de técnicas e temáticas híbridas. Produziu contos, novelas, dramaturgia, ensaios e crítica literária. Utilizou-se com frequência do discurso indireto livre e do fluxo de consciência. O uso desse último recurso na narrativa curta “garante para Rawet, juntamente com Lispector, posição pioneira e justifica a relevância de sua obra para a renovação do conto brasileiro” (KIRSCHBAUM, 2004, p.62).

Os escritos desse imigrante refletem sua condição de Ahasverus<sup>3</sup>, de judeu errante e exilado (Cf. WALDMAN, 2003). Sua errância literária visita *goys*<sup>4</sup>, *gays* e *Golems*<sup>5</sup>; Martin Buber, Spinoza e Marx; *Kafka e a mineralidade judaica ou a Tonga da Mironga do Kabuletê*. Nesse ensaio, rompe com a religião de seus antepassados<sup>6</sup>. Por muitos anos, foi um autor “semi-esquecido” (KIRSCHBAUM, 2004, p.06), “visto como um antípoda ou excêntrico, incompreendido, estigmatizado (...) passando a publicar seus livros à margem do circuito literário”. (SAFFRIN In: RAWET, 2004, p. 10). O autor de *Devaneios de um solitário aprendiz da ironia* foi certamente solitário, mas não era um aprendiz. Ironicamente, não é nos devaneios, e sim na marginalidade, que Saul Kirschbaum enxerga uma unidade temática nos *Contos do Imigrante*, primeira obra publicada por Rawet:

(...) O protagonista, seja qual for sua condição específica (judeu, negro, homossexual, doente terminal) se depara com uma barreira intransponível – a não-aceitação, pelo grupo que vive, de sua alteridade, da diferença que o marca. De onde podemos pensar que Rawet utiliza a denominação Imigrante num sentido ampliado, de forma a abarcar todo aquele que é considerado pelo grupo social hegemônico como o outro, aquele que remete a um outro contexto, o inassimilável (KIRSCHBAUM, 2000, p.38).

A partir dessa constatação, justifica-se o objetivo deste trabalho, que é relacionar a presença da temática homossexual na literatura de Rawet, especificamente através da análise dos contos *Johnny Golem* e *Nem mesmo um anjo é entrevistado no terror*, bem como no ensaio de 1970, já mencionado aqui.

Michel Foucault atribui aos vitorianos o surgimento de uma nova visão sobre as chamadas “perversões”, entre elas o homossexualismo. Situando a “data de nascimento” desse conceito através do artigo *Archiv für Neurologie*, de Westphal, em 1870, Foucault constata, a partir daí, o surgimento de uma nova especificação ou categorização de um grupo de indivíduos:

A sodomia | a dos antigos direitos civil ou canônico | era um tipo de ato interdito e o autor não passava de seu sujeito jurídico. O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida. (FOUCAULT, 2001, p.43)

Rawet, por sua vez, parece dialogar com a idéia foucaultiana em seu ensaio sobre o tema:

O farisaísmo assumiu ares científicos (...) Os homens da revolução proletária, que por estranhas razões nunca foi proletária, são hoje mais puritanos do que os súditos da rainha devassa que balizou a moral do século passado. (RAWET, 1970, p.21)

*Homossexualismo: sexualidade e valor*, bem como seu autor de origem judaica, não é nada ortodoxo. O ensaio transcende o conotativo, o referencial e o conceitual em direção a uma narratividade repleta de figuras de linguagem que, além de transgressora, é com frequência ficcional e poética. Nelson de Oliveira comenta o imigrante ensaísta:

Uma camada de verniz ficcional, do tipo que já começava a se difundir com o advento do pós-modernismo, recobre textos (...) Verniz cujo maior mérito foi o de desfocar os gêneros — onde termina o ensaio e começa a ficção? —, a fim de balançar o leitor, de deixá-lo inseguro, sem saber que postura adotar. (OLIVEIRA: 2001, s.p.)

É realmente difícil classificar um texto tão híbrido. Em alguns trechos, como a descrição de uma experiência homossexual com um homem casado em um mictório, o estilo adotado beira a crônica ( Cf. RAWET, 2000, p. 18). Em outros momentos, a experiência factual ou ficcional relatada se mistura a asserções filosóficas e outras pseudo-científicas, como o uso de esquemas explicativos categóricos, que falam de consciência operada e operante (Ibidem, p. 12); definem resumidamente as relações sexuais (Ibid., p.24) ; classificam os tipos de relações homossexuais ( Ibid., p.48). Não fica clara, nessa tentativa de catalogar, ordenar e classificar a sexualidade, até que ponto termina o paradoxo e começa a ironia, pois a obra adquire os ares científicos que teriam sido anteriormente criticados, através da figura do fariseu.

Ainda que a narrativa se apresente na primeira pessoa do singular, o narrador por vezes dá a impressão de se dividir em duas ou mais *personas*, escondidas nas entrelinhas do texto em questão. No ensaio, afirma-se que, nas relações sexuais, existe a “presença de três consciências, eu-tu-ele” (p. 24), e que “eu só sou eu na medida em que constato o tu e o ele”. Fica a sensação de que essa crença | possivelmente inspirada pelo “Eu-Tu-Isto” da obra *Eu e Tu* (1923) de Martin Buber<sup>7</sup> | transborda o postulado ético, em direção à estética fragmentada que constrói a escritura em questão, podendo-se pesquisar posteriormente sobre a existência de mais de uma voz narrativa

no ensaio de 1970. Exemplifico tal suspeita com o seguinte aforismo de Rawet, explicado pelo autor em tom irônico:

O HOMEM ESCOLHE A FORMA DE SUA SEXUALIDADE.  
Grifei o escolhe. Implícito no grifo não o ele, mas o eu. Pequena  
confusão gramatical. As regras! (Ibidem, p.09)

Desviar-se das normas | tanto do normativo quanto da normalidade | parece uma constante na produção de Rawet. Saul Kirschbaum defende que, embora o imigrante judeu-polonês se apresentasse como um anti-intelectual, evitando a imagem de erudito e acadêmico, tratar-se-ia da tentativa de levantar sobre si mesmo uma “cortina de fumaça que encobre sua intensa e sistemática atividade de leitura, reflexão e elaboração”. Observa que seria plausível pensar a “fumaça” como uma forma de manutenção do olhar da crítica na ficção de Rawet, garantindo-lhe a posição de *outsider*.

Entretanto, o professor oferece outra explicação, encontrando vestígios de uma “submissão ao olhar do outro sartreano”, que seria uma “marca indelével do exilado, do estrangeiro e do estranho”. A auto-imagem de Rawet seria “mediatizada pela imagem que o grupo hegemônico elabora de suas minorias, mero reflexo”. Conclui que a mencionada “fumaça” que vela sua condição de pesquisador seria uma estratégia do literato, visando “preservar o silêncio em torno de si”(Cf. KIRSCHBAUM, 2004. p.37-39). Em outra reflexão, ele comenta o seguinte sobre a escritura de Rawet:

(...) não faltam elementos de dissimulação, de disfarce (...) de silenciamento – característicos de quem não se sente em casa, teme ser singularizado em sua condição de estrangeiro e vir a sentir-se indesejado. (Ibidem, p.85)

Vários teóricos dos Estudos Culturais apontam para a ambivalência do conceito moderno de nação, que produz um deslizamento contínuo de categorias, entre elas, a sexualidade. (Cf.BABHA, 1998, p.200 *et seq*). Assim, a condição de estrangeiro também é expressa pelo ensaio de Rawet, quando se declara:

Sete anos de convivência com todos os meios homossexuais, convivência e identificação. Dos cinemas sórdidos aos bares elegantes, das praças e lugares típicos aos apartamentos requintados, onde, ingênuo, ia tendo a revelação da medida em que o fenômeno é latente (RAWET, 1970, p.25)

Bruno Leal, partindo de Julia Kristeva e de um conto de Caio Fernando Abreu, se utiliza da imagem do estrangeiro para definir a construção da identidade homossexual no Brasil. Para Leal, essa identidade se encontra inconclusa, limítrofe, em trânsito, deslocada em seu eterno papel de “outro”. Leal, finalmente, pergunta: “como viver uma identidade em movimento, em construção, flexível, mutável, a não ser como estrangeiro ou como afogado?” (LEAL, 2001, p.101). É também inspirado em uma obra de Caio Fernando Abreu, *Estranhos estrangeiros*, que Denílson Lopes descreve aquilo que define como o “entre-lugar das homoafetividades”:

Este entre-lugar articula personagens em que sua nacionalidade e sexualidade se apresentam entrelaçadas e em trânsito.(...) nós homossexuais,

invisíveis e/ou indesejáveis, obviamente não chegamos sequer a ser símbolos nacionais e muito menos agentes, fomos e somos excluídos de espaços legítimos de reprodutibilidade e socialização, marcados pela falta de legitimidade de famílias gays com filhos e pela dificuldade de estabelecimento de modelos sociais alternativos inter-geracionais de forma estável.(LOPES,2001. p.38-39)

Kirschbaum afirma que Rawet “ tornou-se uma espécie de porta-voz dos desterrados, dos deslocados, dos marginais. (...) chamado à literatura seja lá por qual processo, sua auto-imagem de imigrante o fez optar pela temática dos oprimidos” (KIRSCHBAUM, 2004. p.82). Acrescenta-se aqui a sugestão de que é também possível ler o imigrante judeu-polonês a partir de uma errância judaica pelo entre-lugar da homoafetividade mencionado por Lopes. Pergunta-se até que ponto a condição de estrangeiro de Rawet poderia vir de uma soma, ou até de uma subtração, proporcionada por sua dupla condição de alteridade | étnica e erótica, mesmo se estivermos tratando de um homoerotismo exercido apenas na literatura. Até o presente estágio desta pesquisa, não foram encontrados elementos que comprovem o engajamento do autor empírico Samuel Rawet em atividades homossexuais, além das declarações de um ensaio escrito em tom ficcional. Certamente, trata-se de um assunto que demandaria discussão mais extensa do que estas páginas permitem. É momento de retornar à literatura.

*Johnny Golem*. Já na primeira linha, pode ser encontrada a palavra náusea, sentimento que motivaria a redação do conto. Uma náusea “provocada pelas possibilidades infinitas da estupidez humana” (RAWET, 2004, p.333). Uma ficção com teor autobiográfico, pois os relatos chegam ao conhecimento do narrador em Israel, na cidade onde o engenheiro Samuel Rawet acompanhou Niemeyer, no projeto da Universidade de Haifa. Descreve-se então a lenda do *golem*, acrescentando-se que, na atualidade, o significante pode ser utilizado como sinônimo de idiota.

A utilização do discurso indireto livre é um recurso utilizado por Rawet, quando o personagem Paul Segall, um inglês que trabalhara no Serviço Secreto de sua Majestade e fora afastado por ser homossexual, relata ao narrador a história do personagem que intitula o conto. Este último é descrito como um judeu pobre vindo da Polônia, que estava internado num hospital militar:

Era um esquizofrênico, com fortes doses paranóicas, além de epileptóide. Acho que assim o classificaram. Não me recordo seu nome, se é que algum dia cheguei a saber realmente. O nome com que todos o conhecíamos depois era Johnny Golem.(RAWET, 2004. p.336)

O sobrenome dos personagens Brice Account e Bob Smile também parecem apelidos irônicos . Account significa contar, conta ou conto; smile é sorriso; de qualquer forma, Brice trabalhava para o serviço secreto, na área de psicologia. Após conhecer a lenda de Praga, com a ajuda de uma indicação de Bob, resolve criar o seu próprio *golem*, utilizando-se para isso do doente judeu, que recebe alta e se torna o idiota da aldeia.

A associação entre o Golem e o personagem homossexual que narra parte do conto é demonstrada em vários momentos. Antes de escutar Segall, o narrador declara:

“Sou humilhado como homem, e não como judeu, maometano, negro, homossexual ou paralítico”, foi essa a frase dita por alguém durante o tempo em que se processava o experimento *golem* que me ficou gravada, e talvez por ela tenha me ficado um resíduo da própria palavra [*golem*]. (RAWET, 2004, p.336)

Já se pode associar aí a imagem do *golem* com várias impressões do senso comum sobre o *gaylem* (neologismo que acrescento aqui em diálogo com o tipo de humor rawetiano). Ambos são exemplos de seres vistos como imperfeitos, ou mesmo nefandos. Enquanto o primeiro não é exatamente um homem (*antropos*), o segundo não é tido como homem (*andros*) pelo discurso hegemônico, sendo ampla a lista de termos pejorativos que aproximam o homossexual de um bicho<sup>8</sup>. Acrescenta-se que, no final do conto, fica implícita a homossexualidade do narrador na seguinte passagem:

Deixo de relatar alguns episódios ainda, episódios conhecidos depois de perder de vista Segall, como o que ocorreu num café de Nápoles enquanto distraído rabiscava o nome de Johnny Golem num guardanapo, e o garçom riu e marcou um encontro comigo para aquela mesma noite (RAWET, 2004, p.338).

A citação apenas repete um elemento presente em vários momentos deste trabalho, a questão do inefável. O nome verdadeiro do doente é indizível, seu codinome é escrito em um papel, sem ser pronunciado, para que haja um encontro homossexual; os outros personagens são nomeados ironicamente. Na lenda de Praga, o rabino se utiliza do nome secreto de Deus para construir a criatura.

*Johnny Golem* situa a condição de silenciosa do estrangeiro; foi publicado em *O Terreno de uma polegada Quadrada* (1969). Já no ensaio de 1970, o interdito torna-se explícito. Continua-se, entretanto, no terreno do nefando. A partir do desumano, chega-se à animalidade escatológica de *Nem mesmo um anjo é entrevistado no terror*, que pertence à última obra de Rawet, *Que os mortos enterrem seus mortos* (1981)<sup>9</sup>. Ali, o leitor é levado a passear por um bosque ficcional repleto de lobos (parafraseando ECO, 2004) estranhos e estrangeiros. O título inicia e termina a narrativa, numa circularidade dantesca que dissecas as vísceras de um submundo de promiscuidade e prostituição masculinas. A referência aos bosques e lobos poderia ser gratuita, pois a narrativa se utiliza, como metáfora, de um felino de pêlo branco, que, “entre avidez de patas” (RAWET, 2004, p.368), se alimenta de vômito sobre a pedra. Entretanto, na selva de pedra da Lapa, o homem é o lobo do homem; gatos ou lobos, a avidez de patas se aplica a qualquer predador noturno. *Strangers in the night*. Mais uma vez, a náusea | sartreana? Entre patadas ferinas, outras doses de escatologia. O personagem focalizado por Rawet, em meio às trevas desprovidas de anjos, prefere o mictório. O assunto é reincidente e o local dos urinóis já foi mencionado aqui, no ensaio de Rawet sobre a sexualidade. Não parece se tratar de uma referência a Marcel Duchamp.

Mas faltava o mictório. Amônia e desinfetantes sufocando, às vezes, arrancando lágrimas, de corpos mais ou menos imóveis, acariciando membros, em contemplação e masturbação (RAWET, 2004, p.367)

A descrição acima pode parecer crua e animal, como a metáfora do gato e seu alimento nauseabundo. O ensaio de Rawet sobre a homossexualidade discorre sobre animais de forma irônica e iconoclasta. Em uma passagem, afirma:

Embora os animais e os vegetais tenham comportamento sexual, isto é, sexualidade, o que é ótimo para eles, o homem se apresenta na sexualidade como homem. O que deve sugerir outra coisa. (RAWET, 1970, p.36)

Em outro trecho, comenta sobre bovinos em uma fazenda, episódio supostamente narrado por um romancista goiano:

Como a ética dos bezerros é um pouco diferente da nossa, e o deus dos bezerros um pouco mais humano do que o nosso, não consultaram nenhum código arbitrário e mandaram sua brasa. Comentário do romancista: que depravação. Sem comentários!(RAWET, 1970, p.13)

Afirmando que “o universo é uma vasta interrogação sobre uma coisa só, absoluta, perfeita, completa. O Homem com H maiúsculo, sempre”(RAWET, 1970, p.16), resta a pergunta sobre o que definiria esse homem com consoante em caixa alta. Tratar-se ia do *antropos* ou do *andros*? A última opção exclui o gênero feminino. O racismo seria um elemento capaz de tornar uma letra minúscula? Certamente, na visão de muitos, a identidade Homossexual não é vista com H maiúsculo. Pelo menos, não com H de homem. Rawet formula a pergunta da seguinte maneira:

A que processo psicológico está submetido um homem, ou uma mulher, homossexual, numa cultura que só admite oficialmente as relações heterossexuais?(RAWET, 1970, p.17)

Poderíamos enxergar aí também uma crítica à religião judaica. Kirschbaum afirma que o escritor, “em seus contos, sempre denunciou a exclusão dentro do judaísmo”(KIRSCHBAUM, 2004, p.06); que o autor teria oferecido a opção “de compreender a condição judaica não como atributo particular e privativo de um determinado povo, mas como o extremo oposto de seu extremo oposto, o pensamento nazista” (Ibidem, p.07). Paralelamente, Denílson Lopes defende que:

O entre-lugar das homoafetividades está entre identidades, entre homo e heterossexualidades, implica repensar as masculinidades para além de uma homossociabilidade homofóbica (...)(LOPES, 2001, p.46)

Em depoimento a Flávio Moreira da Costa datado de 1972, Rawet conecta sua infância na Polônia ao hassidismo, ressaltando a importância filosófica de Martin Buber. (Cf. MOREIRA DA COSTA apud KIRSCHBAUM, p.49). Esse pensamento que distingue entre religião e religiosidade poderia então “ter permanecido para Rawet como um último canal de contato com o judaísmo, à medida em que rompia com seu grupo familiar primário e se afastava cada vez mais da comunidade judaica que veio a encontrar no Rio de Janeiro” (KIRSCHBAUM, 2004. p.49). Ele então comenta:

A inutilidade das transformações de Ahasverus aponta, deste ponto de vista, para a própria impossibilidade de o judeu se escolher não-judeu, de abandonar sua condição de judeu. (Ibidem, p.105)

Seria possível para o homossexual abandonar sua condição em função da lei judaica? É uma das perguntas que levanta *Trembling before G-d* (2001), de Sandi Simcha Dubowski. O documentário foi filmado durante cinco anos de pesquisas, realizadas nas comunidades hassídicas e ortodoxas de várias cidades dos Estados Unidos e em Israel. Nessa peregrinação, a câmera verifica as opiniões de autoridades religiosas, bem como retrata a dor e a ambivalência de vários indivíduos que vivem o dilema entre a reconciliação de seu amor por Deus e o judaísmo, em confronto com leis que condenam sua opção sexual, proibindo a homossexualidade.

Vários dos entrevistados, nesse trabalho audiovisual, optam por viver essas experiências homoafetivas na marginalidade, como os personagens de Rawet. Em depoimento apresentado como cena extra no material audiovisual (DVD), Dubowski declarou sua dificuldade em conseguir que essas pessoas mostrassem sua face, ou mesmo depusessem. Relata que alguns temiam que sua exposição pública afetasse o casamento de seus filhos; vários permanecem casados e mantêm uma vida dupla. Outros, que resolvem assumir sua condição *gay* ou *queer*, manifestam alguma forma de repúdio ou mágoa pela religião de seus ancestrais. São expulsos ou desligam-se voluntariamente da comunidade.

*Trembling before G-d* revela a existência do outro de um outro, que não é o mesmo; do embate entre dois guetos estranhos à cultura hegemônica, que se estranham num ninho estrangeiro. Samuel Rawet também é um estrangeiro estranho, literalmente.

NOTAS:

---

<sup>1</sup> “Cidade pequena. Aglomeração típica da Europa Oriental até a Segunda Guerra Mundial. Geralmente habitada por maioria judaica, onde se cultivavam tradições judaicas, e onde a língua do cotidiano era o iídiche”. (SCHLESINGER, 1987, p.240)

<sup>2</sup> Hassidismo é o nome de um movimento religioso e social fundado na Europa Oriental por Israel Ba'al Shem Tov, no século XVIII. A base filosófica do hassidismo é o judaísmo místico, ou a Cabalá; entretanto, o hassidismo volta-se para a moral e a religião, sendo função do *hassidim* (palavra que significa: pio, devoto), redimir o mal na natureza, trazendo-o para a luz divina. (Cf. SCHLESINGER, 1987, p. 104-105)

<sup>3</sup> Ahasverus é, na verdade, um mito cristão. Apareceu na Europa no século XIII. O judeu Ahasverus teria destrutado Jesus quando este, sob o peso da cruz, tombou diante de sua porta. Foi então condenado a errando pelo mundo, sem caminho certo, sem morrer, mas sem descanso, esperando e esperando pela volta do Senhor. Trata-se de um mito com profundas raízes anti-semitas, e Samuel Rawet atualiza a história em 1970, trazendo o personagem para o Brasil na novela intitulada *Viagens de Ahasverus à terra alheia em busca de um passado que não existe porque é futuro e de um futuro que já passou porque sonhado*.

<sup>4</sup> Goy, com a letra O, é a palavra hebraica que designa o gentio, o não-judeu.

<sup>5</sup> A mais célebre versão da lenda do Golem é protagonizada pelo Maharal de Praga, Rabi Loewe ben Bezalel que, no século XVI, teria moldado um boneco de argila ou barro em forma humana, dando-lhe a vida por meio de fórmulas mágicas. Falta-lhe espírito e o ser incompleto (a palavra é sinônimo de embrião ou massa disforme) é usado para defender o gueto, posteriormente tornando-se descontrolado. (Cf. NAZÁRIO e NASCIMENTO, 2004.)

<sup>6</sup> Tal rompimento é marcado principalmente pelos textos *Kafka e a mineralidade judaica* ou *A tonga da mironga do kabuletê*, publicado na revista *Escrita*, ano II, num24, em setembro de 1977 (pp.22-23); e por *Béni soit qui mal y pense* em *Escrita-Revista de Literatura*. São Paulo: Vertente editora Ltda. 1979. ano IV. Nº. 28. pp.75-78. Kirschbaum, entretanto, comenta que “Não obstante Rawet ter publicamente negado sua condição de judeu e proclamado seu afastamento radical e sua ruptura definitiva, eu acredito que foram poucos os pensadores que, como ele, para pensar o judaísmo se posicionaram em um vértice que lhe é tão interior.”(KIRSCHBAUM, 2004. p.105)

<sup>7</sup> Rawet também é autor do ensaio *Eu-Tu-Ele*, de 1972. Chegou a marcar uma entrevista com Martin Buber, em 1965, mas o encontro foi cancelado por motivo de doença. (Cf. KIRSCHBAUM, 2004)

<sup>8</sup> A preocupação com essas palavras chulas que designam o homossexual aparece vários momentos do ensaio de Rawet que analisamos aqui. Em *Nem um anjo é entrevistado no terror*, o personagem sente que “se insistisse mais um segundo, ouviria um berro com a palavra costumeira”(RAWET, 2004. p.368)

<sup>9</sup> *As palavras* e *Trio* são alguns dos exemplos de outros contos com temática homoafetiva de Rawet, presentes em seu livro publicado na década de 80.

REFERÊNCIAS:



---

ABREU, Caio Fernando. *Estranhos Estrangeiros*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: ed. UFMG, 1998.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. Trad. Claudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 1988.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I- a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: ed.Graal, 2001.

KIRSCHBAUM, Saul. *Ética e literatura na obra de Samuel Rawet*. 2004. 167 f. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-graduação em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH/USP 2004

KIRSCHBAUM, Saul. *Samuel Rawet: profeta da alteridade*. 2001. 106 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-graduação em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH/USP). São Paulo, 2001.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LEAL, Bruno. O afogado e o estrangeiro. In: LYRA, Bernardette; GARCIA, Wilton (orgs.). *Corpo e cultura*. São Paulo: ed. Xamã/Eca-USP, 2001. pp.97-102.

LOPES, Denilson . Entre-Lugar das Homoafetividades. In: *Ipotesi*. Revista de Estudos Literários do Departamento de Letras da UFJF, Juiz de Fora, n. 8, 2001. pp.37-48

NAZÁRIO, Luiz; NASCIMENTO, Lyslei(orgs). *Os fazedores de Golems*. Belo Horizonte: Programa de pós-graduação em Letras: Estudos Literários. Fale/UFMG, 2004.

RAWET, Samuel. *Contos e novelas reunidos*. Organizador: André Saffrin. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

RAWET, Samuel. *Homossexualismo: sexualidade e valor*. Rio de Janeiro: Olivé Editor, 1970.

SCARPELI, Marli Fantini; DUARTE, Eduardo de Assis (orgs). *Poéticas da diversidade*. Belo Horizonte: UFMG/FALE; Pós-Lit: 2002.

---

SCHLESINGER, Hugo. *Pequeno vocabulário do judaísmo*. São Paulo: Paulinas, 1987.

SCHOLEM, Gerschom. *O Golem, Benjamin, Buber e outros justos*: Judaica I. Trad. Ruth Joanna Sólón. São Paulo: Perspectiva, 1994.

TREMBLING BEFORE G-D. Direção: Sandi Simcha dubowski. Produção: Sandi Simcha Dubowski; Marc Smolowitz. Edição: Susan Korda. 2 DVDs (84 min; contém entrevistas e cenas extras). Simcha Leib Productions c2001; New Yorker Films Artwork c2003, widescreen, son., color., legendado em espanhol, hebraico e iídiche.

WALDMAN, Berta. *Entre passos e rastros*. São Paulo: Perspectiva, 2003.